

# TAXONOMIA POPULAR DE FUNGOS POR RIBEIRINHOS DA REGIÃO OESTE DO PARÁ

Marcos Diones Ferreira Santana<sup>1</sup>; Luciana Edilena Santos Guimarães<sup>2</sup>; Ana Daiane Lopes Costa<sup>3</sup>; Taides Tavares dos Santos<sup>4</sup>

<sup>1</sup>TAE/Biotecnologia Vegetal - ICTA - UFOPA; E-mail: santana.mdf@gmail.com, <sup>2</sup>Estudante do curso de Bacharelado em Ciências Biológicas - ICTA - UFOPA. E-mail: lucianasantos277@hotmail.com; <sup>3</sup>Estudante do curso de Bacharelado em Ciências Biológicas - ICTA - UFOPA. E-mail: daianelopescosta@yahoo.com.br; <sup>4</sup>Professor - ICTA - UFOPA. E-mail: taides.tavares@hotmail.com

**RESUMO:** Estudos etnomicológicos das décadas de 60 e 70 relataram que grupos indígenas, rurais e ribeirinhos utilizavam um sistema próprio para nomear os fungos. Neste estudo, registra-se o primeiro relato de uso de um sistema de classificação folclórico de fungos macroscópicos por ribeirinhos no Oeste do Pará e sua similaridade com o atual sistema de classificação micológico. Coletas de macrofungos foram realizadas entre os meses de março e junho de 2016 nas Comunidades Maripá e Vila Franca, ambas na Reserva Extrativista (RESEX) Tapajós-Arapiuns - PA, com o auxílio dos respectivos ribeirinhos. Durante as caminhadas, foi observado que os mesmos atribuíam o nome *Urupê* para todos os fungos macroscópicos, mas algumas espécies eram diferenciadas com um segundo nome com base em aspectos morfológicos, como ainda fazem os especialistas. O gênero *Phallus* Junius ex L., foi o que mais chamou atenção, pois os moradores de Vila Franca o identificam como *Urupê Tajá de cobra* devido ao formato da estrutura de sustentação do fungo. Contudo, os comunitários de Maripá, identificam esse gênero como *Urupê Vêu de noiva* por considerar relevante a estrutura que lembra o véu que cobre a noiva antes do casamento. Assim, Reino *Urupê*; gênero *Tajá de cobra* e Reino *Urupê*; gênero *Vêu de noiva* têm o mesmo valor taxonômico que Reino Fungi; gênero *Phallus*. Relatos como este demonstram a importância de se valorizar o conhecimento tradicional de povos ribeirinhos da Amazônia, relatando-se pioneiramente um sistema taxonômico morfológico próprio para os fungos macroscópicos desenvolvido por ribeirinhos no Oeste do Pará.

**Palavras-chave:** etnomicologia; fungos; povos tradicionais; sistema de classificação taxonômico

## INTRODUÇÃO

A etnomicologia é definida como um ramo da etnobotânica que se dedica ao estudo do papel dos cogumelos no passado da humanidade (WASSON, 1980). Muito embora essa ciência não seja suficientemente estudada, trabalhos atuais têm contribuído significativamente para a avaliação dos conhecimentos micológicos de várias comunidades tradicionais em todo o mundo (ARORA e SHEPARD, 2008), sobretudo, na América Central, onde a maior porcentagem de estudos está concentrada (MONTROYA-ESQUIVEL, 1998; MONTROYA et al., 2003; SHEPARD et al., 2008).

Estes estudos apresentam principalmente os relatos de uso e fungos por povos tradicionais, principalmente os fungos macroscópicos, onde se concentram nas formas comestíveis e venenosas (KIRK et al., 2008; VARGAS-ISLA et al., 2013), além dos aspectos medicinais e culturais (AORA e SHEPARD, 2008) fortemente agregado à cultura dos grupos tradicionais estudados.

No Brasil, Fidalgo em 1965, revendo conhecimentos micológicos indígenas, listou cerca de 40 nomes de fungos em línguas indígenas (GÓES-NETO e BANDEIRA, 2003), todos com alguma relação de utilidade aos povos tradicionais. Na Amazônia brasileira, estudos etnomicológicos recentes relatam a relação entre homem e fungo desde as décadas de 60 e 70 para grupos indígenas, rurais e também para ribeirinhos (FIDALGO e PRANCE, 1976), todos com amplo conhecimento para organizar e nomear os organismos vivos (LAMPMAN, 2007).

Essas percepções etnobiológicas, especialmente para o estudo dos fungos, podem contribuir grandemente para a conservação, inventário das espécies (SHEIL e LAWRENCE, 2004), descoberta de novas espécies (SHEPARD et al., 2008) e indicação para estudos biotecnológicos. Dessa forma, este estudo objetiva apresentar o primeiro relato da utilização de um sistema de classificação folclórico de fungos macroscópicos por ribeirinhos da Região Oeste do Pará e sua similaridade com o atual sistema de classificação micológico a fim de ampliar os horizontes às pesquisas etnomicológicas na Amazônia.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As coletas dos macrofungos foram realizadas nos meses de março a junho de 2016, nas Comunidades de Maripá e Vila Franca, ambas às margens do Rio Tapajós e componentes da Reserva Extrativista (RESEX) Tapajós-Arapiuns - Pará (Figura 1). Essas coletas contemplam um projeto de pesquisa em Biodiversidade e potencial biotecnológico de fungos basidiomicetos e tem a RESEX como uma de suas áreas de estudo. Durante as excursões, os ribeirinhos, em suas respectivas comunidades, atuam como guias de campos e indicadores de espécies menos comuns. Para efeitos do projeto, foram percorridas trilhas pré-existentes dentro das áreas de floresta das duas localidades, sendo coletados apenas grupos macroscópicos de basidiomicetos.



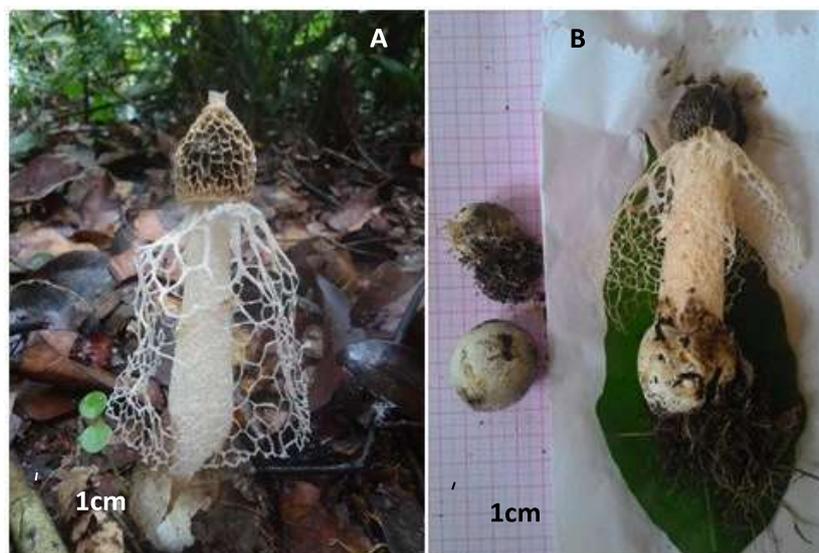
**Figura 1.** Localização das áreas de estudo. A) Reserva Extrativista (RESEX) Tapajós-Arapiuns, PA; B) Vista da entrada da comunidade Maripá; C) Vista da chegada à comunidade Vila Franca.

As coletas foram realizadas manualmente e também contou com auxílio dos ribeirinhos nas buscas ativas aos basidiomas. Os espécimes eram armazenados separadamente em sacos de papel ou quando muito sensíveis, os cogumelos, eram depositados em caixas plásticas compartimentadas. Após cada expedição de campo, os cogumelos coletados eram expostos e agrupados conforme afinidade taxonômica, permitindo diálogos sobre conservação e importância da biodiversidade desses organismos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se nas duas comunidades durante as excursões, que os ribeirinhos atribuíam o mesmo nome a todos os grupos de fungos macroscópicos coletados, *Urupê*, cujo termo de origem Tupi-guarani, designa cogumelo (FIDALGO, 1967) e foi muito utilizado por grupos indígenas brasileiros em suas práticas diárias. Esse conhecimento de gerações foi transferido e ainda se encontra em transição nos ensinamentos dos mais jovens.

Os ribeirinhos subdividem os fungos macroscópicos em níveis taxonômicos com base na morfologia do basidioma capazes de agrupar ou separar as espécies. Esse conhecimento é defendido por apresentar critérios que podem ser ainda mais robustos que a própria taxonomia de Lineu (NEWMMASTER et al., 2007). O gênero *Phallus* Junius ex L. (do Latim, figura fálca) (Figura2), foi o grupo de cogumelos que mais chamou atenção, pois em Vila Franca os espécimes desse gênero foram agrupados e denominados de *Urupê Tajá de cobra* (por apresentar uma estrutura de sustentação do fungo cilíndrica e oca) e em Maripá, como *Urupê Vêu de noiva* (pela estrutura que recobre a gleba do basidioma e que lembra o véu da noiva durante o casamento).



**Figura 2.** Basidiomas de *Phallus* Junius ex L. coletados nas duas comunidades estudadas. A) *Phallus* sp. coletado em Vila Franca; B) *Phallus* sp. em processo de secagem coletado em Maripá.

O primeiro termo, *Urupê*, assume função taxonômica de reino, classificação científica proposta por Linnaeus, no século XVIII, que reúne todos os fungos. Contudo, os termos descritivos baseados exclusivamente na morfologia do basidioma usados para distinguir, agrupar e nomear algumas espécies atribui caráter taxonômico de gênero (CAVALIER-SMITH, 1981).

Assim, com base nesse sistema taxonômico popular, a descrição do gênero *Phallus* em cada comunidade poderia ser substituída por “Reino Urupê; Gênero *Tajá de cobra*” em Vila Franca e “Reino Urupê; Gênero *Véu de noiva*” em Maripá. Estudos de Berlin (1973) e Holman (2002) corroboram com essa hipótese quando relatam o elevado grau de consistência entre a classificação biológica de povos tradicionais, que levam em consideração aspectos morfológicos dos fungos, e a nomenclatura clássica de Lineu ainda em uso.

### CONCLUSÕES

O conhecimento tradicional e o científico podem apresentar o mesmo princípio taxonômico básico de classificação dos organismos, fazendo desse estudo, o primeiro relato de uso de um sistema taxonômico morfológico próprio desenvolvido para fungos macroscópicos por ribeirinhos no Oeste do Pará, constituindo um norte às pesquisas etnomicológicas na Amazônia.

### REFERÊNCIAS

- ARORA, D.; SHEPARD, G. H. Mushrooms and Economic Botany 1. **Economic Botany**, v. 62, n. 3, p. 207-212, 2008.
- BERLIN, B. Folk systematics in relation to biological classification and nomenclature. **Annual Review of Ecology and Systematics**, p. 259-271, 1973.
- CAVALIER-SMITH, T. Eukaryote kingdoms: seven or nine? **Biosystems**, v. 14, n. 3, p. 461-481, 1981.
- FIDALGO, O. Conhecimento micológico dos índios brasileiros. **Revista de Antropología**, p. 27-34, 1967.
- FIDALGO, O.; PRANCE, G. T. The ethnomycology of the Sanama Indians. **Mycologia**, v. 68, n. 1, p. 201-210, 1976.
- GOES-NETO, A.; BANDEIRA